

REVISTA



ECOS

**LITERATURAS, LINGUÍSTICAS,  
HISTÓRIAS E CULTURAS**

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso

  
UNEMAT  
EDITORA

  
EPLIT  
Centro de Pesquisa  
em Literatura

  
CEPEL  
Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Editores/Organizadores

Agnaldo Rodrigues da Silva  
Taisir Mahmudo Karim

Projeto Gráfico (impresa)

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2015 / Unemat Editora  
Impresso no Brasil - 2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Bibliotecas  
UNEMAT - Cáceres

ISSN: 2316-3933 (*Online*)

ISSN: 1806-0331 (*Impressa*)

Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas.

Editores/Organizadores: Agnaldo Rodrigues da Silva / Taisir Mahmudo Karim (Revista do Centro de Pesquisa em Literatura e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários). Cáceres-MT : Unemat Editora, 2016.

249 p.

1. Literatura 2. Linguística

Semestral (Ref.: Jul 2015 - Dez 2015). Vol. 19, ano 12, n. 2 (2015)

CDU: 81

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura - 82

2. Linguística - 81



REVISTA ECOS - Grupo de pesquisa em estudos da Arte e da Literatura comparada - Centro de Pesquisa em Literatura / Programa de Pós-graduação em Estudos Literários  
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres MT - Brasil - 78200000  
Tel: 65 3221-0023 - revistaecos.unemat@gmail.com



UNEMAT Editora  
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000  
Fone/Fax 65 3221-0023 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Todos os Direitos Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**

Reitora	Ana Maria Di Renzo
Vice-Reitor	Ariel Lopes Torres
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação	Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	Rodrigo Bruno Zanin
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura	Alexandre Gonçalves Porto
Pró-Reitoria de Gestão Financeira	Ezequiel Nunes Pacheco
Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação	Francisco Lledo dos Santos
Pró-Reitoria de Administração	Valter Gustavo Danzer
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis	Anderson Marque do Amaral

**CENTRO DE PESQUISA EM LITERATURA** Agnaldo Rodrigues da Silva

### **CONSELHO EDITORIAL/REVISTA ECOS**

Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT (Presidente)  
Elza Assumpção Miné - USP  
Inocência Mata – Universidade de Lisboa/Portugal  
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique  
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – USP  
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP  
Maria Fernanda Antunes de Abreu – Universidade Nova de Lisboa/Portugal  
Mônica Graciela Zoppi Fontana - UNICAMP  
Roberto Leiser Baronas - UFSCar  
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT  
Tânia Celestino de Macedo – USP  
Valdir Heitor Barzotto – USP

### **CONSELHO TEMÁTICO CONSULTIVO**

Agnaldo José Gonçalves – UNESP  
Águeda Aparecida Cruz Borges - UFMT  
Ana Antônia de A. Peterson - UFMT  
Ana Maria Di Renzo –UNEMAT  
Benjamin Abdala Junior –USP  
Célia Maria Domingues da Rocha Reis - UFMT  
Eduardo Guimarães - UNICAMP  
Elizete Dall'Comune Hunhoff - UNEMAT  
Elza Assumpção Miné - USP  
Isaac Newton Almeida Ramos - UNEMAT  
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique  
José Carlos Paes de Almeida Filho - UNICAMP  
Liliane Batista Barros - UFPA  
Luiz Francisco Dias - UFMG  
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP  
Mário César Leite - UFMT  
Mônica Graciela Zoppi Fontana – UNICAMP  
Nelly Novaes Coelho - USP  
Rita de Cássia Natal Chaves - USP  
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT  
Tânia Celestino de Macedo – USP  
Valdir Heitor Barzotto – USP  
Vera Lúcia da Rocha Maquêa - UNEMAT  
Yasmin Jamil Nadaf - Academia Mato-Grossense de Letras  
Walnice de Matos Vilalva – UNEMAT

REVISTA



ECOS

**LINGÜÍSTICA**



BORDÃO: HISTÓRIAS DICIONARIZADAS  
CATCHPRASE: STORIES DICIONARIZADAS

Taisir Mahmudo Karim<sup>1</sup>

Poliana Ferreira da Silva<sup>2</sup>

Período de recebimento dos textos: 01/06/2015 a 30/09/2015

Data de aceite: 30/10/2015

**Resumo:** Neste artigo, a partir do campo teórico da Semântica do Acontecimento, estudo desenvolvido no Brasil por Guimarães (2002), analisamos os sentidos constitutivos da palavra bordão em dicionários de língua portuguesa, sobretudo, examinaremos o funcionamento específico dos modos de dizer dos dicionários. A questão analisada leva em consideração o movimento semântico da palavra nos dicionários que constituem o *corpus* de análise. Esta reflexão consiste em um procedimento analítico que nos coloca, a partir da materialidade linguística, um lugar específico de interpretação, que se dá pelas relações designativas possíveis, dado o conjunto de determinações da palavra bordão nos dicionários. Para tanto, utilizamos o dispositivo analítico denominado, por Guimarães (2007), de Domínio Semântico de Determinação (DSD), procurando mostrar o movimento polissêmico da palavra bordão nos dicionários.

**Palavras-chave:** Bordão; Semântica do Acontecimento; Dicionário; DSD.

**Abstract:** We will study in this research, from the theoretical field of Semantics of event, developed in Brazil by Guimarães (2002), the constituent senses of the word catchphrase in Portuguese dictionaries. Mainly, interests for us understanding the specific operation of way of saying dictionaries. The question considered takes into account the semantic movement of the word in dictionaries constituting the corpus of analysis. This reflection consists of a test procedure that puts us, from the linguistic materiality, a specific place of interpretation, which gives the possible designative relations, given the set of word determinations listed in dictionaries. For this we will use the analytical device called by Guimarães Semantic Determination Domain (DSD), so I tried to show the movement of the polysemous word catchphrase in dictionaries.

**Keywords:** Catchphrase; Semantics of Event; Dictionary; DSD.

1 Professor Adjunto do Departamento de Letras UNEMAT/Cáceres, Coordenador do Programa de Pós Graduação em Linguística da UNEMAT, membro do Centro de Estudo e Pesquisa em Linguagem – CEPTEL. Coordenador do Projeto de Pesquisa Estudo da Significação: Nomes Próprios/FAPEMAT/CNPq.

2 Professora de Língua Portuguesa da rede municipal de Curvelândia-MT. (polianaferreira1601@hotmail.com).

## Introdução

Comumente, a palavra bordão diz respeito a uma forma específica de dizer, o fenômeno linguístico que ocorre por repetição constante, esse fenômeno é caracterizado e constituído pelo excesso da repetição que se toma como modismo de uso no cotidiano. Nosso objetivo, neste artigo, será o de analisar o movimento semântico da palavra bordão, observando o seu aspecto polissêmico que se construiu ao longo do tempo, considerando as publicações de dicionários monolíngues de Língua Portuguesa, uma única exceção, o bilíngue de Bluteau.

Vamos observar a relação designativa da palavra a partir das reescrituras apresentadas enquanto (re) formulações parafrásticas/sinonímicas para a palavra bordão nos diferentes dicionários que tomamos como *corpus* (relação que será apresentada logo abaixo), para tanto consideramos o recorte temporal constitutivo do *corpus*, dicionários publicados a partir do século XVIII.

Fundamentamos as análises da posição dos estudos enunciativos desenvolvidos por Guimarães (2002), em Semântica do Acontecimento. As análises se darão a partir do dispositivo analítico do Domínio Semântico de Determinação, doravante DSD, levando em conta o processo de reescritura. Segundo o autor, “um DSD é construído pela análise das relações de uma palavra com as outras que a determinam em textos em que funcionam.” (GUIMARÃES, 2007, p. 80).

Como já dito, para desenvolvermos este trabalho tomamos, como *corpus*, dicionários monolíngues da Língua Portuguesa (observando a exceção de Bluteau), com versões publicadas nos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Apresentamos abaixo os dicionários que constitui o *corpus* deste estudo, seguido respectivamente a ordem das análises:

### Quadro 1

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano de publicação</b>
<b>Vocabulário português e latino</b>	<b>Raphael Bluteau</b>	<b>Entre 1712/1728</b>
<b>Dicionário da língua portuguesa</b>	<b>Antonio de Moraes Silva</b>	<b>1789</b>
<b>Dicionário da língua brasileira</b>	<b>Luiz Maria da Silva Pinto</b>	<b>1832</b>
<b>Dicionário Michaelis</b>	<b>Michaelis</b>	<b>1998</b>

<b>Dicionário Houaiss da língua portuguesa</b>	<b>Antônio Houaiss</b>	<b>2001</b>
<b>Dicionário Aurélio da língua portuguesa</b>	<b>Aurélio Buarque de Holanda Ferreira</b>	<b>2010</b>

### 1. Marcando um procedimento teórico-analítico

A Semântica do Acontecimento se fundamenta no materialismo, compreende que o estudo da significação se deve dar no acontecimento do dizer, na enunciação, leva em consideração ainda, aquilo que Saussure define como exterior a linguagem, ou seja, nos colocamos em uma posição que considera o referente, o mundo, o sujeito, a história. Assim, a enunciação é um acontecimento de linguagem que se dá pelo/no funcionamento da língua considerando os aspectos sócios históricos. Segundo Guimarães

O sentido das palavras é construído a partir de relações entre expressões linguísticas constituídas pela enunciação, ou seja, a construção de uma palavra ou expressão com as coisas não é um mero ato de classificação de objetos, é sempre relação de sentidos entre as palavras. (GUIMARÃES, 2007, p. 80)

Como dissemos, nosso estudo toma um conjunto de dicionários da língua portuguesa, nos quais vamos considerar as relações determinativas e o funcionamento semântico enunciativo dos enunciados definidores da palavra *bordão* nos diferentes dicionários.

Em uma análise de DSD, são as relações que constituem o sentido de uma palavra e estas são apresentadas por uma escrita própria, que estabelece as relações através de sinais que indicam as determinações das palavras. Os sinais que fazem parte de uma análise DSD são os seguintes: “ $\vdash$  ou  $\dashv$  ou  $\perp$  ou  $\top$  (que significam determina, por exemplo,  $y \vdash x$  significa  $x$  determina  $y$  e  $y$  significa igualmente  $x$  determina  $y$ ); que significa sinonímia; e um traço como \_\_\_\_\_, dividindo um domínio, significa antonímia.” (GUIMARÃES, 2007, p. 81). Dessa maneira, podemos dizer que um DSD representa a análise de uma palavra que pode explicar, no funcionamento de linguagem, o movimento polissêmico da palavra inserida em um *corpus* específico.

Vejam como Guimarães, em Semântica do Acontecimento, define o acontecimento do dizer, a enunciação.

Considero que algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato *no* tempo. Ou seja, não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes *no* tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade: essa a sua diferença. (GUIMARÃES, 2005, p. 11-12)

O autor ainda considera que é o próprio acontecimento que temporaliza, não há um espaço segmentado do tempo, nem um sujeito como fonte/origem no tempo, que diz no aqui/agora (presente) que se relaciona com um antes (passado) e um depois (futuro), quer dizer, o sujeito não fala no tempo cronológico apesar de o Locutor o representar de tal forma. Nessa perspectiva o Locutor só representa o dizer quando este é afetado pelos lugares sociais autorizados a falar, sendo que esse lugar social do locutor se dá obrigatoriamente na relação com o locutor-x.

Desse modo, o acontecimento em Guimarães não se dá

no tempo, nem no tempo do locutor, mas é um acontecimento que temporaliza: uma temporalidade em que o passado não é um antes mas um memorável recortado pelo próprio presente do acontecimento que tem também o futuro como uma latência de futuro no próprio presente. O sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturada pelo esquecimento, que faz a língua funcionar. Falar é estar nesta memória, portanto não é estar no tempo (dimensão empírica). (GUIMARÃES, 2002, p. 14)

Nesse sentido, podemos dizer que a temporalidade na Semântica do Acontecimento não é marcada por uma cronologia temporal historiográfica, por exemplo, a temporalidade aqui é constitutiva das relações enunciativas entre passado/presente/futuro, que, segundo o autor, “sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado” (GUIMARÃES, 2005; p. 12).

Um aspecto relevante para a Semântica do Acontecimento em Guimarães, e que para esse estudo tem importância decisiva, ancora-se ao procedimento de reescrituração, a reformulação do já dito, que segundo Guimarães, a reescrituração é o “procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si.” (GUIMARÃES, 2007, p. 84). Diríamos um processo parafrástico que mantém ao mesmo tempo uma relação polissêmica, a relação do mesmo com o diferente.

A seguir vamos tratar mais especificamente das determinações dicionarizadas de bordão através das análises do Domínio Semântico de Determinação (DSD).

## 2. Os DSDs: um percurso enunciativo da palavra bordão

Segundo Guimarães (2007, p.81), “as designações das palavras se dão a partir de um conjunto de determinações dos nomes em suas respectivas enunciações”, nesse sentido, para tratarmos do movimento semântico da palavra bordão tomaremos, a seguir os dicionários que compõe nosso *corpus*. Vamos observar como as definições da palavra bordão ao ser reescriturada se ressignifica ao ser enunciada em dicionários dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI.

A análise se constitui por uma especificidade muito peculiar, pois observar o movimento semântico construído nesse lugar de normatização dos sentidos das palavras, o dicionário (instrumento tecnológico regulador que

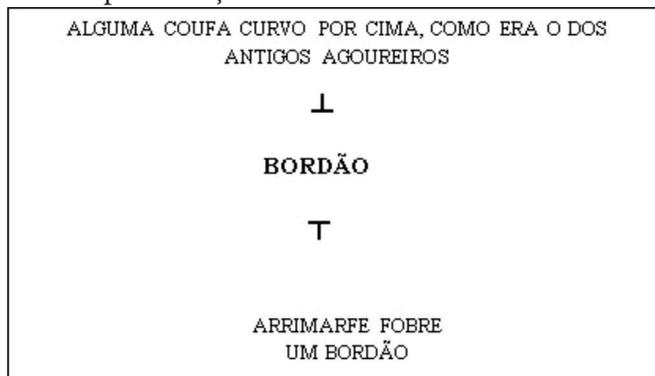
estabilizada sentidos das palavras de uma língua), requer de nossa parte, atenção especial, por isso, nosso construto teórico ganha importância capital nesse modo de análise. O procedimento teórico analítico mobilizado pela teoria deve ser capaz de apresentar com certa precisão sua posição interpretativa. Julgamos que o DSD possibilita localizar metodologicamente por uma amostra diacrônica os movimentos semânticos que determinam as acepções de bordão ao longo da história que dicionarizou a palavra objeto deste estudo.

## 2.1. Dicionário Raphael Bluteau

O primeiro dicionário bilíngue português e latino, publicado no século XVIII, de autoria do padre Raphael Bluteau, foi o “*Vocabulário portuguez e latino (1712-1728)*”, a entrada de bordão é definida como se segue:

[...] Bordão, alguma cousa curvo por cima, como era o dos antigos agoureiros. *Hic lituus, i-Incurvum, leviter à uonmo inflexwn bacillwn, i.Neut. Cic.* Arrimarfe sobre um bordão. *Baculo niti, ou inniti.* (*Baculo* eftar no ablativo com *Niti*, affim como diz Virgilio *Nititur bastâ*; mas com *Inniti* pode eftar no dativo, ou no ablativo, pois Ovidio, & Eftacio lhe dão um dativo, & Tito Livio hum ablativo. Tambem à imitação de Plinio Hiftoriador fe pode dizer *Inniti in baculton*.)

Vejamos a representação do DSD1:



(Onde se lê: *alguma coufa curvo por cima, como era o dos antigos agoureiros* determina *bordão*, que é determinado por *arrimarfe fobre um bordão*.)

Uma primeira observação a se fazer neste DSD se dá na relação ao empréstimo da língua latina pela portuguesa, que se dá pelo procedimento de reescrituração por tradução, uma relação diacrônica com o latim que funciona na determinação das acepções de bordão em sincronia com a língua portuguesa (de Portugal).

Nessa análise, no primeiro significado, bordão é determinado por “alguma coisa curvo por cima, como era o dos antigos agoureiros”, que significa algo como uma bengala utilizada antigamente por pessoas que agouravam, ou seja, que praticavam a adivinhação do futuro, em que tomavam o voo e o canto das aves para fazê-la, ou seja, o comportamento das aves dizia sobre.

Na seguinte acepção é possível observar a relação sinonímica da palavra *bordão* relacionada a certo tipo de objeto, cuja utilidade era a de servir de apoio a alguém ou alguma coisa. Assim, o primeiro significado de *bordão* é determinado por “arrimarse sobre um *bordão*” ou apoiar-se sobre um *bordão*, que significa algo com que alguém possa ter um apoio ou possa se apoiar.

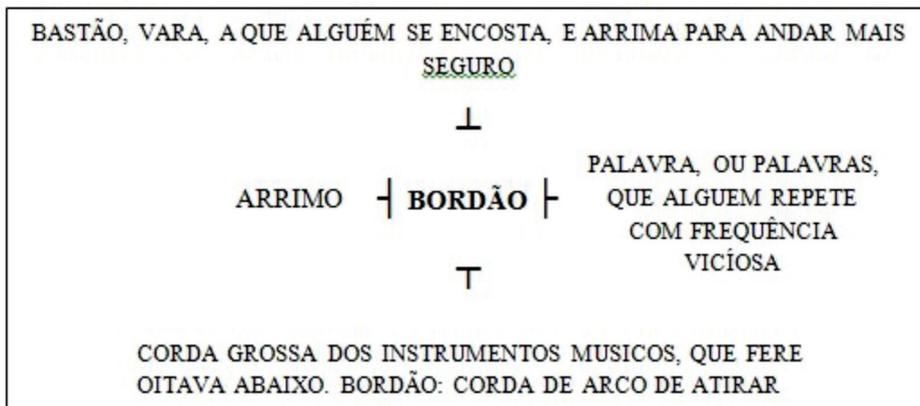
As determinações de *bordão* no Bluteau (1712/1728) estão fixadas por dois enunciados que caracterizam o vocábulo, primeiro um enunciado que descreve um objeto como *inexato*, algo parecido como: *alguma coisa curva por cima como o dos antigos agoueiros*; em seguida apresenta um enunciado que exprime uma ação: *arrimarse sobre um bordão*. Esses enunciados trazem sentidos que rememoram os da língua latina, os enunciados no monolíngue da língua portuguesa reescreveram *bordão* por tradução. Assim, o DSD é definido como se segue: *bordão* que é determinado por uma ação, a de *arrimar - se sobre um bordão* e pela descrição de um objeto, *alguma coisa curva por cima como era o dos antigos agoueiros*.

## 2.2. Dicionário Antonio de Moraes Silva

No “Dicionario da lingua portuguesa”, de Antonio de Moraes Silva (1789), aparecem as seguintes definições para o termo:

*Bordão*, s.m. Bastão, vara, a que alguém se encosta, e arrima, para andar mais seguro. §. fig. Arrimo. §. Palavra, ou palavras, que alguém repete com frequência viciosa. *Lobo*, *Corte*, D.8. §. Corda grossa dos instrumentos musicos, que fere oitava abaixo. *Bordão*: corda de arco de atirar.

A seguir o DSD2:



(Onde se lê: *bastão*, *vara*, a que alguém se encosta, e *arrima* para andar mais seguro, determina *bordão*, que determina *arrimo*, e *palavra*, ou *palavras*, que alguém repete com frequência viciosa e por último *bordão* determina também *corda grossa dos instrumentos musicos*, que fere oitava abaixo. *bordão*: corda de arco de atirar.)

Nessa edição, também do século XVIII, além de trazer a repetição do significado relacionado ao sentido de algo que serve de apoio, nos deparamos com algumas novas acepções que diferem em relação ao primeiro dicionário. Nesse, são acrescentados três novos sentidos à palavra, assim, *bordão* é determinado

por “palavra, ou palavras, que alguém repete com frequência viciosa”, também aparece o sentido de corda grossa dos instrumentos musicos, que fere oitava abaixo, e o terceiro, bordão é referido como corda de arco de atirar.

Além dos novos significados atribuídos à palavra bordão, ainda temos o sentido de bastão, vara, a que alguém se encosta, e arrima para andar mais seguro, ou um objeto que era utilizado para dar apoio a alguém ou alguma coisa, como observado no dicionário anterior, a marca da reescrituração trazida pelo processo diacrônico da língua latina incorporada pelo português.

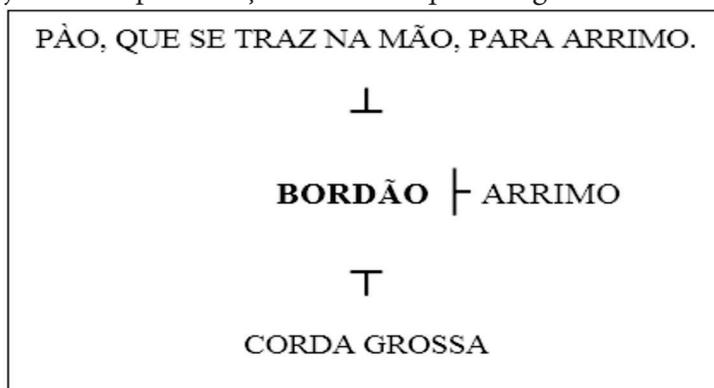
Em Moraes Silva (1789), bordão traz o sentido que determina o termo enquanto objeto: *bastão*, *vara*, com a explicação que descreve o uso do objeto a que alguém se encosta, e arrima, para andar mais seguro, diferente de Bluteau, aqui o enunciado não indica ação, apenas explicita para que serve o objeto. No entanto, em Moraes Silva, observamos um movimento semântico quando são acrescentadas novas acepções que determinam a palavra, são deslocamentos de sentidos, que marcam alterações significativas em relação à Bluteau. Em Moraes Silva aparece o enunciado, Palavra, ou palavras, que alguém repete com frequência viciosa. Esse enunciado ancora o sentido de definição do uso de um modo específico de dizer, marcado pelo excesso de repetição (viciosa). Além deste, outros três novos enunciados aparecem: *arrimo*, que determina a qualidade que permite sustentar algo e corda grossa dos instrumentos musicos, que fere oitava abaixo, Bordão: corda de arco de atirar. Trata-se da nomeação de uma peça que complementa dois objetos, a primeira de um instrumento musical, e a segunda de uma arma, ambas determinadas pela predicação de corda.

### 2.3 Dicionário de Luiz Maria da Silva Pinto

Trazemos a seguir outro conceito, segundo o Dicionario da Língua Brasileira (PINTO, 1832) do século XIX, define a palavra como se segue:

Bordão: s.m. plnr. Pão, que se traz na mão, para arrimo. Fig. Arrimo. Corda grossa de instrumento musico, de arco para atirar

Vejam os a representação do DSD3 que se segue:



(Onde se lê: *Pão, que se traz na mão para arrimo*, determina *bordão*, que determina *arrimo* e *corda grossa de instrumento/de arco para atirar*.)

Podemos notar que neste dicionário, bordão é determinado por Pão, que se traz na mão, para arrimo e arrimo. A palavra “arrimo”, segundo o dicionarista, significa O que segura huma cousa para não cair (PINTO, 1832), ou o que segura uma coisa para não cair. Temos também bordão determinado por corda grossa de instrumento musico e de arco para atirar, ou seja, uma espécie de corda usada em instrumentos musical e/ou corda grossa usada nos arcos para atirar (arma).

Nessa versão, apesar de mais atual, podemos notar a ausência do significado para *bordão* que aparece no dicionário anterior, como *palavra, ou palavras, que alguém repete com frequência viciosa*, ou seja, neste dicionário do século XIX, uma definição importante de bordão foi silenciada em relação ao do século XVIII.

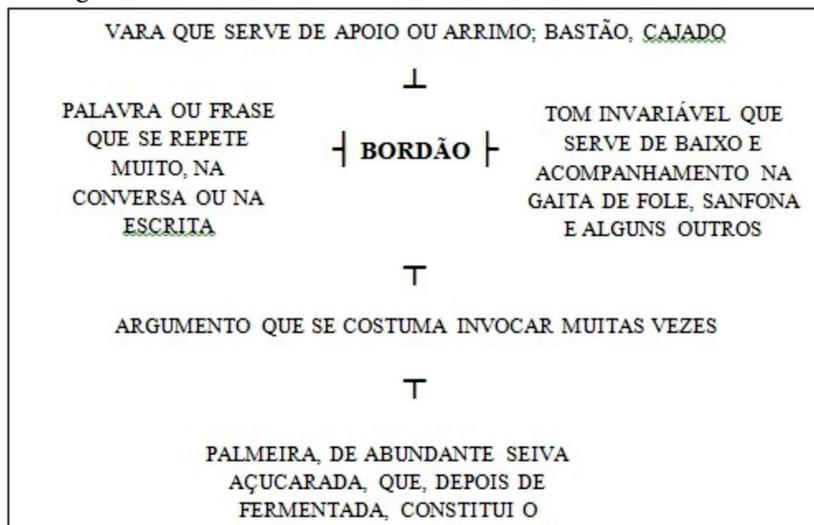
No dicionário de Silva Pinto, 1832, as definições que determinam bordão rememoram enunciados apresentados em Moraes Silva. Primeiro temos o enunciado definidor em corda grossa de instrumento musico, de arco para atirar que reescreve por substituição o enunciado corda grossa dos instrumentos musicos, que fere oitava abaixo, e Bordão: corda de arco de atirar. Em Silva Pinto, com a supressão do enunciado que aparece em Moraes Silva (1789), palavra, ou palavras, que alguém repete com frequência viciosa, os enunciados pão e corda determinam bordão enquanto objeto (pau, corda, cada qual com suas predicções). Silva Pinto apresenta por repetição o enunciado arrimo, que, como em Moraes Silva, é determinado por algo que sustenta alguma coisa.

#### 2.4 Dicionário Michaelis

Dando sequência às análises, achamos pertinente trazer mais um dicionário abordando o significado de *bordão*, agora segundo o dicionário Michaelis (1998):

Bordão <sup>1</sup>: 1 Vara que serve de apoio ou arrimo; bastão, cajado. 2. Amparo, arrimo, proteção. 3. Argumento que se costuma invocar muitas vezes. 4. Palavra ou frase que se repete muito, na conversa ou na escrita. B.-de-são-josé, Bot: açucena-branca. B.-de-velho: V avaremotemo. Fazer bordão: dar tensão às rédeas, para sustentar a andadura do cavalo. Bordão <sup>2</sup>: 1. Tom invariável que serve de baixo e acompanhamento na gaita de fole, sanfona e alguns outros instrumentos. 2. Corda mais grossa dos instrumentos de cordas que dá as notas graves. Bordão <sup>3</sup>: Palmeira, de abundante seiva açucarada, que, depois de fermentada, constitui o marufó.

A seguir o DSD 4:



(Onde se lê: *vara que serve de apoio ou arrimo; bastão, cajado*, determina *bordão*, que determina *palavra ou frase que se repete muito, na conversa ou na escrita* e *tom invariável que serve de baixo e acompanhamento na gaita de fole, sanfona e alguns outros instrumentos*, que por sua vez determina *argumento que se costuma invocar muitas vezes*, que determina *palmeira, de abundante seiva açucarada, que, depois de fermentada, constitui o marufo*)

Neste dicionário, notamos, assim como no anterior, vários significados da palavra *bordão*. O primeiro tem *bordão* determinado por: “vara que serve de apoio ou arrimo; bastão, cajado”, que diz respeito ao objeto de arrimo, conceito citado nos demais dicionários também. Em seguida, temos *bordão* determinado por tom invariável que serve de baixo e acompanhamento na gaita de fole, sanfona e alguns outros instrumentos, que remete às propriedades de certos instrumentos musicais, e também, a palavra *bordão* determina “argumento que se costuma invocar muitas vezes”, sendo que essa última é determinada através de outra palavra, quer dizer, fala-se sobre argumento e não palavra, expressão ou frase como nos demais dicionários. E assim como em alguns dos dicionários citados anteriormente, temos a determinação de “palavra ou frase que se repete muito, na conversa ou na escrita”.

Notamos que, no presente DSD, a palavra *bordão* determina *Palmeira, de abundante seiva açucarada, que, depois de fermentada constitui o marufo*, quer dizer, no DSD 4 aparece um novo conceito, o qual ainda não havia sido abordado em nenhum dos outros dicionários. A planta em questão trata-se de uma espécie de palmeira de onde é retirada a seiva açucarada para o preparo de um tipo de bebida alcoólica, chamada de *marufo*.

No dicionário Michaelis (1998), temos enunciados que rememoram o seu primeiro conceito, Moraes Silva (1789), Silva Pinto (1832), quando definem *bordão* um utensílio, vara que serve de apoio, Bastão, Cajado. Nada de diferente dos demais dicionários. Também, quando em outra definição o Michaelis observa

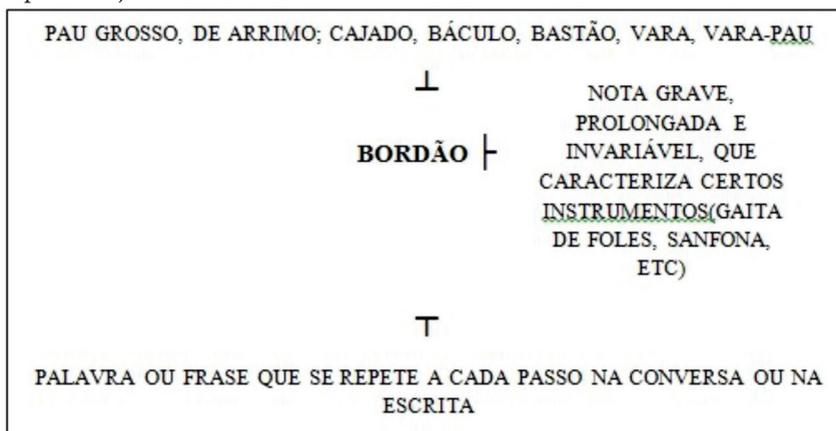
para a palavra bordão o sentido de Palavra ou frase que se repete muito na conversa ou na escrita, essa fazendo referência a definição apresentada em Moraes Silva (1789) pelo processo parafrástico. Em Michaelis (1998) é ainda atribuído o sentido de musicalidade a palavra, definindo-a como tom proveniente de uma corda grossa de alguns instrumentos musicais. As similaridades param por aí, quando Michaelis aborda pela primeira vez, nessa análise, dois novos sentidos da palavra bordão. O primeiro deles como Argumento que se costuma invocar várias vezes, e pela primeira vez temos bordão como significado de argumento que se usa frequentemente na linguagem oral ou escrita. Vale ressaltar que nenhum outro dicionário analisado anteriormente atribuiu à palavra este sentido. Por fim, também temos um sentido ímpar acrescido à palavra em Michaelis, a definição de Palmeira de abundante seiva açucarada que depois de fermentada constitui o marufo, em que marufo é uma bebida alcoólica bastante conhecida em Angola.

## 2.5 Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa

Trazemos agora as acepções segundo a edição do século XXI, do Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 2010), da palavra *bordão*:

Bordão<sup>1</sup>: [Do lat. Vulg. *burdone*. “mula.”] S. m. 1. Pau grosso, de arrimo; cajado, báculo, bastão, vara, vara-pau. 2. V. cacete (1). 3. Fig. Proteção, amparo, arrimo. 4. Palavra ou frase que se repete a cada passo na conversa ou na escrita. ♦ **Fazer bordão**. Bras. PE Sustentar com as rédeas a andadura do equídeo. Bordão<sup>2</sup>: [Do fr. Bourdon, onom. do zumbido do besouro ou do zangão.] S. m. Mús. 1. Nota grave, prolongada e invariável, que caracteriza certos instrumentos (gaita de foles, sanfona, etc.) 2. Corda (2) de tripa ou de aço, coberta com fio metálico, que lhe aumenta a grossura e permite maior tensão. 3. Corda dupla estendida sobre a pele inferior de alguns tambores. 4. Mús. Cada uma das notas mais graves de qualquer instrumento. 5. Cada um dos tubos tapados do órgão. 6. Registro de órgão, de diapasão grave, geralmente 16 ou 32 pés, e que se atribui a pedaleira. 7. O sino mais grave de qualquer igreja ou capela. Bordão<sup>3</sup>: [De bordo (ô), poss.] S. m. Bot. Palmeira arecácea (*Raphiatextilis*) cujas pernadas são us. para confecção de varas, mobília ligeiras, gaiolas para pássaros, etc.: “sobe a colina em direção à sua casa – uma larga e airosa residência de bordão, construída com painéis pré-fabricados” (Henrique Abranches, *Misericórdia para o reino de Kongo!*, p. 71).

Segue a representação do DSD 5:



(Onde se lê: *pau grosso, de arrimo; cajado, báculo, bastão, vara, vara-pau*, determina *bordão*, que determina *nota grave, prolongada e invariável que caracteriza certos instrumentos (gaita de foles, sanfona, etc.)* e *palavra ou frase que se repete a cada passo na conversa ou na escrita.*)

Nessa edição do século XXI, do ano de 2010, temos a acepção de *bordão* como “pau grosso, de arrimo; cajado, báculo, bastão, vara, vara-pau”, que, assim como nos dicionários das versões do século XVIII e XIX, significa um objeto ao qual alguém se apoia para ter um andar mais seguro. Observamos que, nesses dois dicionários, aparecem novas palavras, no entanto preservam uma rede sinonímica, isto é, com significados semelhantes aos dos dicionários anteriores (BLUTEAU, 1728), (SILVA, 1789) e (PINTO, 1832), como “pau grosso, cajado, vara e vara-pau”, termos sinonímicos que ainda não haviam sido atribuídos à palavra *bordão*. Temos também *bordão* determinado por nota grave prolongada e invariável, que caracteriza certos instrumentos (gaita de foles, sanfona, etc.), que se relaciona aos instrumentos musicais.

Diferente das outras versões (SILVA, 1789) e (PINTO, 1832), as quais trazem o significado de *bordão* como “corda grossa de instrumentos musicais”, na versão de (FERREIRA, 2010) aparece-nos como uma “nota grave prolongada”, ou seja, o sentido de *bordão* aparece com a marca polissêmica, mesmo relacionando-se a um mesmo objeto: um diz respeito a uma parte do instrumento e outro ao som que tal instrumento produz.

Percebemos, nesse caso então, que há um movimento semântico que nos direciona para uma definição cujo significado se sustenta num mesmo objeto, o instrumento musical. Entretanto, notamos que a palavra é apresentada com outra designação, quer dizer, neste DSD temos o sentido voltado para certa nota musical que é produzida pela corda grossa, a qual fora determinada anteriormente também pela palavra *bordão*. Por último, assim como na versão de Moraes Silva (1789), aparece a determinação de “palavra ou frase que repete a cada passo na conversa ou na escrita.”

Vimos então, como no dicionário de Silva Pinto (1832), a definição do termo *bordão*, para Aurélio, 2010, é remetido aos mesmos preceitos abordados pelo anterior em que a aceção da palavra é dada como sendo um objeto de apoio. Entretanto neste dicionário, novas palavras aparecem, no caso a expressão *pau grosso*, referindo-se sinonimicamente ao mesmo sentido em Moraes Silva (1789) quando se refere a *báculo*, novamente aqui, em Aurélio Ferreira (2010), *arrimo* continua caracterizando a função do objeto.

No segundo sentido, a palavra como contexto musical, neste caso em Aurélio, muda-se o sentido dado por Silva Pinto (1832), de corda grossa de instrumento musico, para nota grave prolongada e invariável, que caracteriza certos instrumentos, ou seja, deixou-se então de possuir a característica do objeto a corda grossa, para assumir a característica musical, a da nota musical.

Aqui vemos uma mudança circunstancial do sentido da palavra, que pode ser associado ao pressuposto de corda grossa, a uma resultante de nota grave como define Aurélio. Neste ponto de vista houve uma mudança do sentido, no mesmo contexto já não temos mais a definição de corda de arco de atirar. No terceiro sentido dado por Aurélio, palavra ou frase que se repete a cada passo na conversa ou na escrita, rememora-se ao enunciado de Moraes Silva, entretanto aqui, a expressão “viciosa” não aparece, dando a entender que o dizer da palavra se dá em cada passo de uma conversa, mas não caracterizado pelo apego do vício de repetição pronunciada.

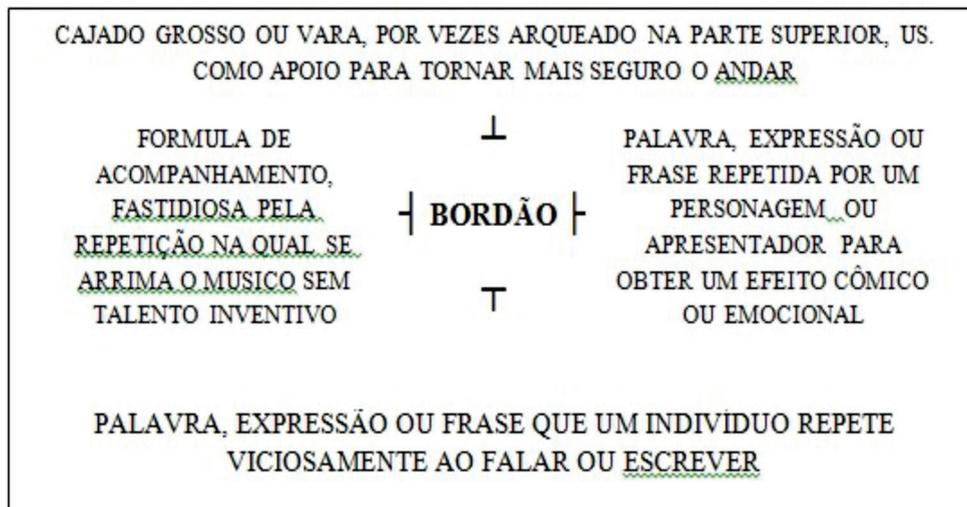
## 2.6 Dicionário Houaiss da língua portuguesa

Trazemos a seguir outra definição, segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, (HOUAISS, 2001). Segue dessa maneira os sentidos de bordão:

Bordão<sup>1</sup>: s.m. (XIII cf. IVPM) 1 cajado grosso ou vara, por vezes arqueado na parte superior, us. como apoio para tornar mais seguro o andar 2 fig. aquele ou aquilo que ampara, ajuda, socorre <nas horas amargas, a irmã é seu b.> 3 ZOOT pau com a extremidade superior em curva, para se pegar a rês pela perna 4 (1619) palavra, expressão ou frase que um indivíduo repete viciosamente ao falar ou escrever 4.1 p.ext. RÁD TV B palavra, expressão ou frase repetida por um personagem ou apresentador para obter um efeito cômico ou emocional 5 MÚS fórmula de acompanhamento, fastidiosa pela repetição, na qual se arrima o músico sem talento inventivo 6 HIP tensão que aplica às rédeas, para manter a andadura do cavalo <fazer b.> \*ETIM lat. burdo, onis ‘filhote macho de cavalo com jumenta ou égua com jumento, muló’, p.metf. ‘objeto sobre o qual alguém se apóia’; ver bord(o)-; f.hist. sXIIIbordon, sXIVbordom, sXVbordã \*SIN/VAR báculo, bastão, bordoa, cajado, vara, varapau; ver tb. sinonímia de cacete e lugar-comum. NOÇÃO de ‘bordão’, usar antepos. bacr(o)- Bordão<sup>2</sup>: s.m (1619 cf. MS<sup>2</sup>) 1 MÚS corda grossa que emite som grave 2 MÚS a corda mais grave de alguns instrumentos de cordas dedilhadas 3 MÚS no órgão, registro de diapasão grave (16 a 32 pés), ger atribuído à pedaleira 4 MÚS corda em contato com a membrana inferior de alguns tambores 5 MÚS som grave e contínuo 6 num conjunto de sinos, o de diapasão mais grave 7 p.ana.ARM corda de arco de atirar flechas \*falso b. MÚS 1 tipo de composição polifônica medieval em terças e sextas paralelas 2 no Renascimento, declamação de

texto sobre tríades em estado fundamental \* ETIM fr. Bourdon (1210) 'espécie de abelha', p.ext. 'agitar-se fazendo ruído', daí, (c1280) acp.MÚS orig. onom. Bordão<sup>3</sup>: s.m (1899 cf. CF<sup>1</sup>) ANGIOS palmeira do gên. Raphia, de cuja seiva doce, fermentada, se produz o maluvo \*ETIM prov. de bordo /ô/

Segue o DSD 6:



(Onde se lê: *cajado grosso ou vara, por vezes arqueado na parte superior, us. como apoio para tornar mais seguro o andar, determina bordão, que determina palavra, expressão ou frase repetida por um personagem ou apresentador para obter um efeito cômico ou emocional, que determina também, formula de acompanhamento fastidiosa pela repetição na qual se arrima o músico sem talento inventivo, e palavra, expressão ou frase que um indivíduo repete viciosamente ao falar ou escrever.*)

No dicionário acima, na versão do século XXI, do ano de 2001, a palavra bordão também é determinada como objeto de arrimo, cajado grosso ou vara, por vezes arqueado na parte superior, us. como apoio para tornar mais seguro o andar. Em seguida, temos a determinação de bordão como palavra, expressão ou frase que um indivíduo repete viciosamente ao falar ou escrever e também palavra, expressão ou frase repetida por um personagem ou apresentador para obter um efeito cômico ou emocional e, por último, ainda na mesma direção semântica, temos, formula de acompanhamento, fastidiosa pela repetição na qual se arrima o músico sem talento inventivo, sendo que as duas últimas determinações da palavra bordão, ainda não haviam sido citadas nos dicionários anteriores. Percebemos que nessas duas últimas definições da palavra bordão estão voltadas à atos de enunciação, bem como aspectos referentes à escrita, sendo que bordão, neste caso, pode ser utilizado tanto na fala quanto na escrita.

Na análise do dicionário Houaiss (2001), percebemos algumas mudanças no sentido dado à palavra *bordão*, que passa a tratar a expressão mais pelo ponto de vista subjetivo, do que objetivo. Ainda neste dicionário, rememora o significado dado por Moraes Silva (1789) e Aurélio Ferreira (2010), quando se

refere a um objeto (cajado, báculo) que, por vezes, é arqueado na parte superior, utilizado para facilitar o apoio ao se caminhar, o que hoje conhecemos pelo nome de bengala.

Deste ponto de vista, Houaiss (2001), traz as mesmas acepções dos dicionários anteriores, inclusive a primeira versão de Bluteau (2001), que afirma que o objeto é curvado na parte superior, alguma coisa curva por cima. Novamente Houaiss retoma a acepção de vício do dizer, ao se referir a palavra bordão como expressão ou frase que um indivíduo repete viciosamente ao falar ou escrever, fazendo referência a uma conjunção de dizeres assumidos de forma involuntária em um diálogo, ou escrita, mas que se repete invariavelmente. Os outros dois sentidos dados à palavra por Houaiss são totalmente novos até agora nesta análise, que é o bordão como método de obtenção de sentimentos específicos do público por um personagem em algum tipo de mídia, quando diz, palavra, expressão ou frase repetida por um personagem ou apresentador para obter um efeito cômico ou emocional. Esta definição é inédita até então, e passa pelo tempo como um novo sentido.

Outro sentido dado pelo dicionário Houaiss (2001), rememora Moraes Silva (1789), quando indica vício na repetição pelo indivíduo, palavra ou frase que um indivíduo repete viciosamente ao falar ou escrever, mostrando que a expressão de viciosidade é recorrente entre épocas diferentes no sentido da palavra bordão. Por último, temos a acepção que diz sobre um músico que tem problemas com a criatividade, e recorre a recursos repetitivos em suas criações, assim suprindo a necessidade de muita poesia, e mais repetições maçantes da mesma coisa, que segue nesse conceito, formula de acompanhamento fastidiosa pela repetição na qual se arrima o músico sem talento inventivo.

### Uma breve conclusão

Como podemos observar nas análises, a palavra *bordão* aparece na primeira edição do dicionário *Vocabulario portuguez & latino*, em 1728, por um processo de reescrituração por tradução do latim. Observamos também que a acepção Palavra, ou palavras, que alguém repete com frequência viciofa, aparece pela primeira vez na versão do Dicionario da lingua portuguesa do autor Antonio Moraes Silva, no ano de 1789. Outra observação se dá no funcionamento semântico-enunciativo da palavra nos textos analisados, as determinações, de alguma forma, nos remetem ao campo semântico que aparece pela primeira vez no dicionário de Bluteau, isto é, bordão enuncia o lugar de sustentação e/ou objeto de sustentação a algo. Assim, podemos dizer que o procedimento de reescrituração por repetição deriva o lugar de sustentação para o funcionamento de *bordão*, que por sua vez passa a ser determinado por Palavra, ou palavras, que alguém repete com frequência viciofa, uma relação sinonímica daquilo que apareceu em Bluteau *arrimarfe sobre um bordão*, que significa apoiar/sustentar-se sobre algo, ou seja, o processo de repetição passa metonimicamente a sustentar o funcionamento de um *bordão*.

Assim, as análises dos diversos dicionários monolíngues descrevem como a ocorrência dos sentidos da palavra *bordão* na língua portuguesa varia de acordo com o diacronismo da história enunciativa da palavra. Em alguns monolíngues consultados, observamos ocorrências próprias de uma variante semântica, o que nos mostra a não homogeneidade dos dicionários, mesmo sendo eles contemporâneos, a exemplo, na versão de Moraes Silva (1789). Neste dicionário, a palavra *bordão* apresenta o sentido que hoje se encontra estabilizado, ou seja, o sentido que se cristalizou enquanto significado de *bordão*, uma palavra ou expressão que se repete constantemente, enquanto que na versão de Silva Pinto (1832) um monolíngue posterior a de Moraes Silva, este sentido não aparece.

Vimos então, que a palavra *bordão* apresenta um movimento com múltiplos sentidos, e que no decorrer de sua história enunciativa atribuiu para si vários sentidos, passando de objeto como *cajado*, *corda grossa* (em Moraes Silva, 1789), para um tipo de *palmeira* proveniente de um país específico e que produz seiva (em Michaelis, 2001).

Verificamos também, que de acordo com cada publicação, rememoram-se dizeres outros já enunciados anteriormente, esse funcionamento enunciativo, constitutivo da temporalidade própria do dizer, possibilita uma latência de futuro que acaba por construir sentidos outros que se inserem no campo semântico do verbete *bordão*, ao mesmo tempo, sentidos silenciados são movimentados, por exemplo, Moraes Silva, quando rememora o sentido que remete a *cajado*, algo em que se tem apoio (arrimo).

Do ponto de vista linguístico, a palavra *bordão*, ao assumir um sentido específico enquanto estabilizado, não se pode deixar de pontuar a particularidade semântica que ocorreu em praticamente todos os dicionários relacionados nesta pesquisa, a direção que semantiza o lugar de “apoio/sustentação/arrimo”. Ainda que em épocas diferentes, e praticamente distintas entre si, o campo semântico da palavra *bordão* que direciona para a significação de algo/alguma coisa, que apoia/serve de apoio, sempre é movimentado. Assim, o procedimento de repetição constante vincula intrinsecamente a relação de sustentação/apoio/arrimo no/para o funcionamento de um *bordão*, mesmo sabendo que o procedimento da repetição funciona sempre na relação do mesmo representado como diferente, o lugar da sua heterogeneidade da língua.

## Referências

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos.– 5.ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

---

\_\_\_\_\_. **A palavra:** forma e sentido / Maria Cecília Mollica e Eduardo Guimarães (orgs.) - Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

\_\_\_\_\_. **Análise de Texto:** procedimentos, análises, ensino. Campinas-SP. RG Editora, 2011.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

KARIM, Taisir Mahmudo. Brasil Colônia/Império: da ocupação à fundação do território da Capitania Minas do Cuyabá/Mato Grosso um estudo semântico de nomeação. I n: Bressanin, Joelma Aparecida [et all]. (Org.) **Linguagem e interpretação a Institucionalização dos dizeres na história.** Editora RG, Campinas – SP, 2013.

\_\_\_\_\_. Mato Grosso: *de descrição à nome* – um percurso enunciativo. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos.** Editora RG, Campinas – SP, N. 32, 2013.

MICHAELIS: **Moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

OLIVEIRA, Sheila Elias de. **Cidadania:** história e política de uma palavra. Campinas: Ponte Editora, RG Editores, 2006.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Portuguesa, 1775-1869.** Ouro Preto, MG. Typographia de Silva, 1832.

SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da lingua portugueza** - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.